NO COMEÇO, eu não queria ir. Para começar, mal conhecia meus avós, e, além disso, detestava sinceramente a ideia de passar três dias inteiros morrendo de tédio, longe dos meus amigos e dos meus quadrinhos. Mas meus pais não deram a mínima para a expressão carrancuda que (provavelmente) estava no meu rostinho na época, e como os adultos é que mandavam, fui arrastada para o interior de qualquer jeito.

No entanto, assim que cheguei, mudei de ideia rapidinho. No instante em que bati os olhos naquela bolinha de pelos, a paisagem monótona e sem graça se iluminou em cores deslumbrantes; quando estendi a mão, ele pulou em mim com entusiasmo. Éramos jovens demais para desconfiar um do outro, então rapidamente nos tornamos os únicos companheiros um do outro. Seu nome era Gon, o novo filhote que meus avós tinham acabado de adotar.

Num piscar de olhos, já estávamos lambendo as bochechas e o nariz um do outro — ok, talvez a parte das lambidas tenha sido um pouco unilateral. Do ponto de vista do Gon, todo mundo era enorme, então, por tudo que eu sabia, talvez ele tenha me escolhido por parecer a mais fraca do grupo. Da mesma forma, para mim, ele era mais fácil de abraçar e segurar do que o cachorro bem maior que estava atrás dele. Ele era minúsculo, com pelos macios de filhote, e eu conseguia pegá-lo com uma só mão. Naturalmente, gostei dele de imediato.

Não importava para onde eu fosse, Gon estava sempre comigo — com a única exceção sendo a banheira. Ele até dormia na minha cama, mas eu mal

conseguia dormir, morrendo de medo de rolar e esmagá-lo sem querer. No fim das contas, acabei dormindo encostada na parede. Foi assim que descobri o que era ter torcicolo pela primeira vez na minha vida.

O fato é que Gon foi meu melhor amigo durante aqueles três dias em que fiquei presa ali. No final, eu estava tão encantada com ele que, quando chegou a hora de ir embora, chorei e fiz um escândalo porque não queria me separar dele. Pensando bem, aquela foi a primeira vez que fiz birra... e provavelmente a última também. Meus pais não sabiam como me consolar, então sugeriram que eu adotasse meu próprio filhote quando voltássemos para casa, mas eu não queria outro filhote — eu queria o *Gon*.

Minha avó entendeu o problema mais rápido do que qualquer um. Lembro dela dando um peteleco na testa da minha mãe como forma de repreensão. Depois, virou-se para mim e, em um tom firme, disse: "Sem birra." Com uma única frase, ela fez minhas lágrimas secarem. Em seguida, afagou meu cabelo e acrescentou: "Sempre haverá o ano que vem."

O toque dela era tão gentil que me fez lembrar de todas as reclamações que eu tinha feito no caminho até ali. Tive certeza de que não merecia tanta bondade, e então comecei a chorar de novo, dessa vez por um motivo diferente. Engasgada em meio às lágrimas, prometi a ela e ao vovô que voltaria.

Solucei enquanto dava um último abraço em Gon, e ele, feliz, esfregou o rosto no meu. Rezei para nunca esquecer aquele calor… Não importava quanto tempo passasse, eu queria me lembrar para sempre.

Queria me lembrar dele, nem que fosse apenas nos meus sonhos.

***

Então, eu sonhei com meu passado. Clichê, eu sei. Por algum motivo, eu estava assistindo tudo de uma perspectiva de terceira pessoa, e, para ser sincera, não conseguia suportar ver a mim mesma chorando abertamente, mesmo sendo criança. Sentimentos de vergonha e algo que se assemelhava à culpa tomaram meu peito, queimando minhas bochechas.

Eu podia sentir o suor grudado nas minhas costas, na testa e no nariz. Lentamente, abri os olhos. Minha consciência parecia estar sendo espremida de um tubo, se espalhando pelo vento, e tudo ainda estava embaçado. Minha cabeça doía enquanto olhava para a janela. Através das frestas das cortinas, eu conseguia ver os primeiros raios do amanhecer.

Minha irmã estava enrolada em uma bola na cama comigo, dormindo profundamente como uma cigarra. Cuidando para não mexer o leve cobertor de verão, levantei-me lentamente e fui de mansinho para fora do quarto, descendo as escadas para não acordá-la. Pela primeira vez, não me sentia como uma

preguiçosa sonolenta. Mas havia uma outra névoa na minha mente, e eu queria respirar um pouco de ar fresco para tentar dissipá-la.

"Que coceira..."

Cocei meu cotovelo. Os mosquitos me devoraram impiedosamente na noite passada, sem se importar com o meu humor nostálgico e sentimental. Eles não eram tão tranquilos a ponto de deixar uma refeição grátis escapar.

No andar de baixo, tudo estava escuro e silencioso. Aparentemente, ninguém mais estava acordado ainda. Mantendo distância dos quartos, caminhei até a sala de estar, onde encontrei Gon deitado ao lado da TV. Apesar do calor do verão, ele estava todo enrolado em um cobertor, imóvel. Ansioso, agachei-me, estendi a mão para tocar seu focinho e fiquei aliviada ao confirmar que ele ainda estava respirando. Seu rosto estava perfeitamente relaxado; eu só podia esperar que ele estivesse descansando confortavelmente, sem o peso de seu corpo pesado sobre ele.

Enquanto o observava, meus lábios se separaram. Eu queria lhe dizer algo, mas as palavras não saíam. Como começar a expressar o que eu sentia? Não consegui encontrar a resposta. Era como se eu tivesse me transformado na Adachi: só emoção e nenhuma comunicação.

No fim, me afastei sem dizer uma palavra. Como uma covarde, fui em direção à porta dos fundos, calcei minhas sandálias e fugi para fora de casa. Não tranquei a porta atrás de mim, mas não pretendia ir muito longe, então achei que não havia problema. Não é como se algum ladrão estivesse acordado a essa hora, certo? Tardiamente, soltei um bocejo.

Até as cigarras ainda estavam dormindo; o único som era o barulho rítmico das pedrinhas sob meus pés enquanto eu caminhava pela garagem. O amanhecer estava se aproximando, mas a escuridão da noite ainda pairava no céu. O ar também não estava especialmente frio — só as sobras mornas do sol de ontem. Ele combinava perfeitamente com o ambiente cinza e sem vida ao meu redor. Mas essa paleta de cores era familiar.

Todo ano, as férias de verão chegavam, e por três dias eu lutava para dormir em uma cama que não era minha. Acabava acordando antes de todo mundo na casa, então ia para fora me distrair sem acordar ninguém, e como um relógio, Gon percebia meu cheiro e vinha atrás de mim. Passávamos tantas horas apenas correndo pela garagem juntos... Isso era na época em que minha irmã ainda usava fraldas.

A única coisa que eu conseguia lembrar com mais clareza do que qualquer outra coisa era a sensação do focinho do Gon esfregando no meu nariz. Ele era tão grande e fofinho, parecia que eu estava abraçando uma nuvem. Esses foram alguns dos momentos mais felizes da minha vida.

Gon e eu éramos tão inocentes — tão *ignorantes*. Nunca parávamos para pensar sobre o que viria pela frente. Eu o via todo ano, então, embora deixá-lo nunca fosse fácil, eu acreditava, sem sombra de dúvida, que sempre teríamos mais tempo para correr juntos. E agora, esses mesmos sentimentos estavam me destruindo por dentro. Eu estava tão aliviada por ele estar vivo, mas ao mesmo tempo, doía.

"Eu gosto de você" não era suficiente, mas "Eu te amo" não parecia certo. Era (espero) cedo demais para "Obrigado por tudo", mas "Fique bem" também não parecia se encaixar. Então, o que exatamente eu queria dizer a ele? Como eu queria me libertar dessa miséria que enchia meu peito, minha garganta e agora minha mente?

Olhei para os meus pés, mas não encontrei nenhuma fagulha de sabedoria. Frustrada, passei as mãos pelo cabelo despenteado. Eu sabia que havia algo escondido em mim, bem no fundo, me deixando inquieta. Mas… eu…

"Oh, olá. Um pouco cedo para um passeio, não é?"

Estremeci com a voz repentina. *Somos dois, senhor.*

Era o vizinho, Iwaya-san. Como ontem, ele estava usando um turbante, mas hoje carregava uma mochila grande nas costas. Com suas rugas e a pele bronzeada, parecia um sábio viajante de uma terra distante. Não exatamente o tipo de vizinho que você esperaria ver por aqui, no interior. Eu não esperava encontrar ninguém do lado de fora, exceto talvez o entregador de jornais — então o que ele estava fazendo, vagando pela nossa propriedade particular e puxando conversa como se fosse o dono do lugar?

"Bom dia," respondi meio rígida.

"Sim, bom dia," ele respondeu sem nem pestanejar. "Por outro lado, não há muitas pessoas por aí a essa hora do dia, então isso torna o passeio bem tranquilo."

"Ah, uh… sim… acho que sim." Para ser honesta, essa vila rural era tão pequena que eu tinha dificuldade em acreditar que ela algum dia *não fosse* tranquila.

"Então você é… uh, hmm. A neta?"

"Sou Shimamura. Shimamura Hougetsu."

"Ah, igual ao famoso crítico literário! Bem, isso vai ser fácil de lembrar!"

Ele soltou uma risada calorosa, e a visão do seu sorriso me fez lembrar: antigamente, havia uma menina mais velha que chegava para visitar a família

na mesma época que eu, pensando bem. Sempre que estávamos na cidade ao mesmo tempo, nós duas brincávamos juntas com o Gon. Julgando pela diferença de idade, aquela garota provavelmente era neta do Iwaya-san.

Deixando isso de lado, eu estava distraída pelo objeto nas mãos dele. Quando ele notou que eu estava olhando, estendeu o braço e o empurrou na minha cara. "É isso que você tá olhando?" Era uma tigela pequena e malfeita.

"Ah, sim," respondi de forma vaga. Afinal, não era o tipo de coisa que alguém normalmente carregaria por aí. No entanto, ao ouvir minha resposta, ele levantou a tigela com entusiasmo.

"Bem, veja, minha neta fez isso para mim!"

"Hã?"

"Ela está treinando para ser ceramista, e recentemente fez essa tigela para mim. Minha tigela personalizada!"

"Ah... Que legal..."

Agora eu entendi por que ele estava carregando aquilo — para se gabar para alguém. Quem ele achava que iria encontrar vagando por aí ao amanhecer, antes mesmo das cigarras acordarem? Eu senti que todo mundo que conhecia esse velho excêntrico se preocupava com ele, e por diversos motivos.

"Não é como se conversasse com você? Consegue sentir a profundidade intelectual do design simples?"

"Ha ha... Lamento dizer, mas não sei muito sobre as artes finas," respondi com um sorriso sem jeito.

"Não se preocupe! A obra-prima da minha neta ressoa até com as mais ignorantes das crianças!"

"Ha ha." Eu não estava brava, mas definitivamente já não estava mais sorrindo.

"Portanto, eu irei te conceder esta vara de pescar."

"O que você quer dizer com *portanto*...?"

Os moradores aqui (inclusive minha mãe) pareciam não entender como conectar suas frases corretamente. Mas, claro, ele me ofereceu uma vara de pescar. Relutantemente, peguei-a, embora não soubesse para que diabos eu iria usá-la. Era uma vara preta simples — na verdade, eu sentia que a reconhecia de algum lugar. *Não tem mercado de pulgas por aqui, tem?*

"Vá redescobrir sua criança interior e pesque o quanto quiser."

"Como essas duas coisas estão relacionadas...?" Na verdade, eu não ia pescar desde o ano passado, quando fui com a Hino.

"Não se preocupe! Quando terminar, você pode simplesmente devolver para o seu avô por mim."

"Ah, então é por *isso*."

"Quando você precisa pensar um pouco, pescar é a melhor opção."

Levantei a cabeça na hora. *Ele leu minha mente?*

"Afinal, se você ficar só sentada, vai acabar dormindo!" ele continuou, e sua barba espessa inflava como uma nuvem a cada palavra.

"Ugh, pois é. Totalmente." Toda vez que eu cruzava os braços para refletir sobre algo, me encontrava deitada na cama cinco minutos depois.

"Oh?"

Nesse instante, Iwaya-san esticou o pescoço para olhar atrás de mim. Logo em seguida, ouvi um arranhar na porta dos fundos e me virei. Pelo tamanho da silhueta e as orelhas grandes, já suspeitava de quem era... Corri até a porta e a abri, e, sem surpresa alguma, lá estava Gon, me olhando com olhos sonolentos.

"Aww, Gon..." *Te acordei quando saí? Pobrezinho.*

No passado, ele me seguia animado para fora, mas hoje nem sequer pulou em mim. Com seu olho esquerdo embaçado, ele era uma sombra do que já foi. E, em algum momento, eu cresci o suficiente para ficar mais alta que ele, com minha sombra o engolindo por completo...

Senti uma pontada no nariz, como se um vaso sanguíneo tivesse estourado. Instintivamente, levei a mão até ele, apertando de leve para evitar que sangue começasse a escorrer. Já estava meio úmido por dentro... Provavelmente só suor ou algo assim.

Olhar para Gon me fazia sentir tantas coisas ao mesmo tempo. Mas, pela primeira vez na vida, não conseguia encontrar as palavras certas, e pensar a respeito não ajudaria em nada. Então, em vez disso, me abaixei e acariciei sua cabeça.

"Bom dia, Gon."

É importante começar o dia dando um oi, me convenci em silêncio. Ele latiu em resposta. Mas se eu não conseguisse resolver essa falta de comunicação, não seria melhor do que a Adachi.

"Oh, se não é o Gon! Não sabia que você ainda estava por aí, velhote. Acho que nós dois somos teimosos demais para bater as botas, hein?"

Iwaya-san estendeu a mão para Gon apertar, mas o cachorro não se moveu. Então, Iwaya-san pegou uma de suas patas por conta própria. Gon não se opôs. Depois de um breve aperto de mãos, o velho soltou.

"Pensando bem, eu já estava com um pé na cova quando você chegou aqui, não estava?" Ele soltou uma risada forte. "Bem, nos vemos por aí."

O tempo pareceu congelar quando o velho homem e o velho cão se encararam. Parecia longo demais para ser apenas um cumprimento matinal. Mas depois que terminou, Iwaya-san se virou e foi embora. Ele ainda estava cheio de energia... Por reflexo, chamei por ele.

"Ei, hum..."

"O que foi, garotinha?" o homem perguntou com uma voz gentil. E, como acabou acontecendo, com um pouco de incentivo, até as perguntas mais difíceis podiam sair da minha boca.

"Envelhecer torna a vida mais difícil?"

Não havia nada a ganhar fazendo essa pergunta, mas mesmo assim, não pensei duas vezes antes de fazê-la.

“Hmmm.” Seu turbante balançava com os movimentos de sua cabeça enquanto ele refletia. “Eu devia saber que uma garota erudita como você faria perguntas profundas e esotéricas.”

“Eu não sou uma garota erudita,” retruquei antes que pudesse me conter. Se alguém aqui era "esotérico", era ele.

"Tenho uma neta que me manda cerâmica feita à mão, então não posso dizer que minha vida é muito difícil. Isso responde à sua pergunta?" ele perguntou, seus olhos brilhando.

"Sim, claro." *Na verdade, nem um pouco. Claramente, perguntei para a pessoa errada.*

“Da próxima vez, sugiro que reserve esse tipo de pergunta para alguém cuja resposta você realmente queira ouvir.” Ele lançou um olhar significativo para

Gon, então saltitou sobre os calcanhares, ajustando a alça de sua mochila. “Agora, tenho mais um dia de caça ao tesouro pela frente!”

“Caça ao tesouro?”

"Se fosse do meu jeito, eu estaria explorando o fundo do oceano agora mesmo..."

E assim, ele se afastou, resmungando para si mesmo enquanto ia. Toda vez que seu turbante balançava, eu pegava um vislumbre do nascer do sol no horizonte além dele; lancei a linha de pesca na direção da luz, como se estivesse tentando fisgar o sol. *E se eu pudesse voltar no tempo?* Era uma hipótese estúpida, e ainda assim, parei para considerar.

"*Pergunte ao cachorro*, ele disse. Você sequer entenderia uma palavra do que eu dissesse?" perguntei ao Gon, inclinando a cabeça para ele.

Ele simplesmente me encarou de volta, semicerrando os olhos.

***

"Tem certeza de que consegue se virar sozinha, Hougetsu? Quer que eu vá com você?" minha avó perguntou, preocupada, quando contei que ia pescar.

Relaxa, vovó. Não vou cair e abrir a cabeça como você fez. "Não, tudo bem. Sei que seus joelhos não são dos melhores."

"Hi-*yah*!"

Com um grito alto e uma forma surpreendentemente boa, ela lançou um chute de karatê, com os dedos dos pés esticados. Sua perna foi muito mais alto do que eu esperava. Mas então, ela se curvou, agarrando o pé.

"Vovó?!"

"Deu uma cãibra na sola do meu pé..."

"Certo. Você com certeza é a mãe da minha mãe." *Dá pra ver a semelhança familiar.*

"Pronto, já passou! Agora… O que você vai fazer para o almoço?"

"Não sei... Mas não pretendo ficar fora por muito tempo." Olhei para o relógio. Ainda não tinha passado nem uma hora desde o café da manhã, então o almoço ainda estava a umas três horas de distância.

"Vamos preparar um almoço para você, só por precaução. Vou fazer alguns bolinhos de arroz."

"Obrigada, vovó."

Ela correu para a cozinha e começou a preparar minha comida: bolinhos de arroz com costeletas de porco. "Vou colocar na bolsa térmica junto com um cantil de água. Isso deve te segurar até a hora do almoço."

"Não se preocupe. Vou me manter longe do sol." Enquanto pegava a bolsa térmica, uma sombra se moveu na minha visão periférica; olhei para o lado e encontrei os olhos nublados de Gon me encarando. "Gon!"

Ele caminhou até mim e esfregou o focinho contra minhas pernas, me fazendo cócegas.

"O que foi, garoto?" perguntei, acariciando suas costas.

Vovó espiou para ver Gon por si mesma e então sorriu calorosamente. "Ele quer ir com você", explicou por ele.

Bom, ele não deveria. Mas me segurei para não dizer isso.

"Você sabe como ele é. Ele sempre adora te seguir por aí."

"É..."

Mas por quanto tempo esse "sempre" ainda ia durar?

Será que ele conseguiria andar tão longe?

Antes, as estradas pareciam se estender para sempre. Mas, naquela época, nós dois tínhamos energia de sobra. Agora parecia o contrário... Seria porque crescemos?

Enquanto eu olhava para o cachorro, vovó rasgou um pedaço de pão e colocou em um saquinho. "Aqui está um lanchinho para o Gon."

"Obrigada."

"Se você ficar com fome, pode comer também."

"Uhm... L-legal."

“Ah, pelo amor de Deus. Estou *brincando*, querida!” Ela riu alegremente. Tarde demais, eu sorri. Mas então, a expressão dela ficou séria. “*Não estou* ficando gagá,” ela insistiu, os olhos arregalados e vermelhos.

Vovó, você está começando a me assustar.

No caminho para a porta da frente, esbarrei na minha irmã, que tinha acabado de escovar os dentes. As laterais do rosto dela ainda estavam molhadas também. *Eu juro, parece que ela não sabe como usar uma toalha.*

“Nee-chan, pra onde você vai?”

“Tá vendo aquilo? Dá um palpite.” Apontei para a vara de pescar encostada na parede. Minha irmã virou e olhou para ela.

“Pescar no rio?” ela murmurou. “Eu vou também.”

“Não pode, pequena. É muito perigoso.”

Levantei a mão para impedi-la; naturalmente, ela fez uma cara emburrada. Mas eu me recusei a levar minha irmã para um lugar onde ela pudesse se machucar. Chame isso de *instinto de irmã* ou algo assim.

“Então, por que o *Gon* pode ir?”

“Tá de brincadeira? Ele é *muito mais* velho que você.”

Ele e eu tínhamos apenas um ou dois anos de diferença. Praticamente da mesma idade... e, ainda assim... não consegui evitar xingar a Mãe Natureza pela forma como ela desenhou o ciclo de vida dele.

“Calma, querida. A vovó vai brincar com você.”

Enquanto minha irmã fazia beicinho, a vovó colocou a mão no ombro dela. Então, o semblante carrancudo de minha irmã sumiu e ela inclinou a cabeça. “Sério?”

“Vamos jogar *Bomberman*!” a vovó exclamou, chamando minha irmã para jogar. *Ela só quer uma desculpa para jogar videogame, não é?* Pensei comigo mesma com um sorriso alegre.

Eu costumava jogar videogame com aquela menina da vizinhança também. Mas hoje em dia, ela estava aprendendo a fazer tigelas estranhas, aparentemente... Pensando bem, ela sempre foi boa com as mãos; ela fazia animais de origami para mim. Uma vez, fizemos um grande navio de jornal.

“Ah, e Hougetsu, não se esqueça de usar um chapéu enquanto estiver lá fora.”

Antes de arrastar minha irmã para longe, a vovó abriu o armário de sapatos e tirou um boné de beisebol azul escuro, manchado de tinta, e colocou na minha cabeça. Tinha o odor característico de algo maltratado pelo tempo.

“O que mais... Ah, um guarda-sol! Vai precisar de um desses!”

Em seguida, ela puxou um guarda-chuva preto e me entregou. Era elegante e com rendas, provavelmente dela. Mas com isso, além da bolsa de almoço e da vara de pescar, eu estava começando a me sentir como uma mula de carga. Mesmo assim, não poderia recusar, então deixei ela continuar se preocupando comigo.

“Tenha cuidado lá fora, viu?”

“Pode deixar. E quando eu voltar, talvez a gente possa brincar juntas,” falei, tentando ser uma boa irmã mais velha.

“Nem pensar,” minha irmã respondeu, bufando.

“Certo, então.” *Nossa, ela é uma peste. Se ao menos ela pegasse um exemplo da Yashiro e — na verdade, deixa pra lá. Que ideia ruim.*

Tranquei a porta atrás de mim e então soltei um suspiro.

“Por que ela é tão boa comigo?”

Como *alguém* conseguiria ser tão bondoso? Era um mistério para alguém como eu, que sempre se sentia desconfortável ao ser o alvo da boa vontade alheia.

“...Vamos, Gon.”

E lá fomos nós. Gon já estava ofegante com o calor, mas continuou andando. Quando abri o guarda-chuva, ele se aproximou dos meus pés para ficar na sombra. Se eu começasse a correr, ele provavelmente não conseguiria me acompanhar... Antigamente, era o contrário, mas agora nossos papéis estavam invertidos.

Hoje, parecia que o canto das cigarras formava uma rede invisível ao nosso redor. Era tão ritmicamente hipnotizante que quase me fazia dormir se eu continuasse escutando, então espantei isso da minha mente e olhei para frente.

No caminho, meu pai estava segurando a mangueira de jardim, lavando o carro. Deve ser mais fácil fazer isso aqui do que em nossa garagem apertada, imagino. Ele estava de costas, mas deve ter nos visto pelo reflexo do carro, pois se virou para nos olhar — quase me molhando no processo.

“Vai sair?”

“Sim.”

Meu pai olhou para o Gon e depois para a vara de pescar. “Faz tempo que não temos um bom jantar de carpa.”

“Eu não sou milagreira, pai.”

“Quer que eu te leve?”

Olhei para o Gon, depois para o céu. Além do guarda-chuva, o céu estava azul e sem nuvens. Então, lentamente, neguei com a cabeça. “Tudo bem. Vamos a pé.”

“Beleza. Tome cuidado, minha querida.”

Com isso, meu pai voltou a lavar o carro. Ele já estava encharcado de suor, o que me fez me perguntar por que ele não usava a mangueira para se refrescar.

Então, o vovô surgiu de dentro de casa. “Lava o nosso também enquanto você está aí, filho?” ele perguntou, com um sorriso.

Depois disso, Gon e eu seguimos pela estrada por onde minha família havia passado quando chegamos aqui pela primeira vez, cruzando a pequena ponte e descendo em zigue-zague até a margem do rio. Depois, a estrada passava por baixo da ponte novamente, em direção às montanhas. Parecia que eu estava percorrendo um caminho secreto, longe da civilização, o que me dava uma pequena emoção.

Quando eu era mais jovem, costumava fugir com o Gon sem avisar ninguém. Então, uma vez, quando a vovó veio me procurar, ela escorregou e rachou a cabeça. Eu me lembrava de tudo como se fosse ontem. Na época, ela riu da situação, então eu não me preocupei muito com a perda de sangue, mas, olhando para trás, foi um ferimento realmente sério.

Anos depois, quando fiquei mais velha, percebi que, indiretamente, a culpa era minha por ter saído para brincar no rio. Foi nesse momento que aprendi o que era culpa, e até hoje ainda me arrependo.

Eu não era exatamente uma… pessoa *atenciosa*, por falta de uma palavra melhor. Eu não era nenhuma santa de coração puro. Como resultado, odiava me sentir em dívida com alguém, porque isso significaria que eu teria que retribuir a gentileza. Mas era errado agir com bondade apenas por obrigação — nesse ponto, já não era mais uma verdadeira *bondade*. Tropecei nesse paradoxo repetidamente até que, eventualmente, isso começou a afetar meu bem-estar. Eu sabia que manter relacionamentos interpessoais fortes era uma parte importante de uma vida boa, mas se isso continuava causando problemas todas as vezes…

Blegh, não consigo descrever. Dá para perceber que eu não uso muito o cérebro.

"Agora estou confusa..."

Minha visão começou a girar como se eu estivesse superaquecida. Coloquei uma mão sobre metade do rosto e esperei passar. Quando olhei para baixo, Gon estava sentado ali, esperando pacientemente — não, pensando bem, ele provavelmente também estava exausto. Me abaixei ao lado dele, afaguei sua cabeça e decidi que faríamos uma pausa por mais um tempo. Com a ajuda da sombrinha da vovó, o sol de verão nem parecia tão ruim assim.

Enquanto eu olhava para Gon, suas pálpebras começaram a pesar, como se ele estivesse pronto para tirar um cochilo ali mesmo.

Então, um pensamento intrusivo surgiu de repente: se eu corresse e o deixasse aqui, o que aconteceria com ele? Ele já não tinha mais energia para me seguir.

Será que ele conseguiria chegar em casa horas depois, me procurar e me morder? Ou será que ficaria sem forças, desmaiaria na beira da estrada, murcharia e…

O pensamento me enjoou.

Suor brotou de algum lugar em mim e pingou em Gon, que se encolheu e se afastou.

“Ei, não é tão nojento assim! …Tá bom, talvez seja.”

Soltei uma risada seca. Ele era lento em tudo, até para desviar das minhas gotas de suor. Fiquei ali olhando para ele por um tempo, cantarolando alto sem motivo aparente.

“Beleza, hora de voltar!” anunciei, me endireitando. Ele não respondeu.

Eu não tinha certeza se conseguiria simplesmente dar de ombros e afirmar que esse era apenas o tipo de pessoa que eu era. Será que eu realmente sabia disso? Tudo era tão *frustrante*.

Caminhamos ao longo da margem do rio e, à medida que os prédios ficavam para trás, o chão sob meus pés se tornava mais rochoso e irregular. A estrada se alargou, e a natureza começou a me envolver por todos os lados — como se estivéssemos voltando no tempo. O cheiro de terra deu lugar ao cheiro de água. Enquanto as cigarras cantavam cada vez mais alto, o som distante dos carros foi desaparecendo. O murmúrio do riacho agora estava tão próximo que eu quase podia sentir sua pureza me lavando.

No alto, os ramos das árvores se curvavam suavemente, criando um telhado natural. Enquanto caminhávamos sob ele, o verde vibrante do verão parecia se infiltrar em nós e, a cada passo irregular, minha perspectiva se elevava um pouquinho mais. Cada lufada de ar puro da natureza me fazia sentir que algo também poderia criar raízes dentro de mim.

Uma grande rocha plana se projetava em um ângulo reto sobre o rio; sentei-me ali para lançar minha linha. No começo, me recostei para relaxar, mas, com o tempo, fui me inclinando para a frente. A pedra estava em uma área sombreada, e ainda assim parecia ter absorvido o calor do sol, aquecendo meu corpo através do shorts. A brisa era agradável, então tirei meu boné de beisebol e deixei meu cabelo comprido voar livremente, dançando ao vento. O ar estava frio o suficiente para me fazer estremecer, mesmo no auge do verão.

Gon estava se protegendo do sol debaixo da sombrinha, de olhos fechados. Sua imobilidade perfeita sobre a rocha plana me deixou inquieta, então estendi a mão para acariciá-lo de tempos em tempos. Foi um alívio sentir sua respiração,

ainda que fraca. Ele abriu o olho direito para me olhar, então fiz mais alguns carinhos antes de afastar a mão. Em seguida, ele fechou os olhos novamente.

Segundo a vovó, ele costumava dormir o dia inteiro. Será que passava seus dias flutuando entre sonhos? O Gon diante de mim estava realmente ali ou apenas sonambulando?

Mas, assim que me acomodei, percebi uma falha crítica no meu plano:

“Espera… Eu esqueci de trazer um balde para os peixes…”

Eu não era do tipo selvagem que conseguia segurar um peixe se debatendo com as mãos nuas, então meu pai teria que passar mais uma noite sem carpa. Não que eu achasse que conseguiria pescar uma, é claro. Sem isca no anzol, eu nem conseguiria atrair a Yashiro.

Dizem que pescar é ótimo quando você precisa pensar em algo. Mas… será que eu tinha algo no que pensar?

“Hmmm…”

Por alguma razão, Adachi veio à minha mente. Talvez eu tenha encontrado um ponto em comum entre ela e o cachorro que dormia cansado ao meu lado. Ela sempre parecia tão derrotada quando as coisas não saíam do jeito que queria… Era o tipo de garota que deixava transparecer tudo o que sentia, e eu conseguia apreciar isso. Facilitava muito para entendê-la.

Se eu fosse resumir, Adachi simplesmente... não tinha muita experiência lidando com as pessoas. Mas era exatamente isso que a tornava tão interessante para mim. Falando como alguém cuja superexposição à interação social me deixou insensível a ela, ela era meu oposto polar… e de vez em quando, me via tentada a protegê-la da mesma forma que eu queria ser protegida.

Por isso, sugeri gentilmente que ela tentasse fazer amizade com outras pessoas. Para mim, isso não parecia nada irrazoável... e ainda assim, eu tinha a sensação de que a Adachi nunca se encaixaria de verdade, não importava quem lhe dissesse isso. A escola nunca nos ensinou como lidar com nossas emoções, e ela já tinha passado os anos mais formativos dela se isolando do mundo, então estava começando muito tarde. Ela pulou todas as coisas simples, e por isso era facilmente influenciada pelas personalidades fortes de todos ao seu redor... *Certo, isso explicaria porque ela é tão instável. Foi por isso que ela se agarrou a mim, e foi por isso que eu a afetava tanto.* Eu assenti para mim mesma enquanto a brisa suave acariciava minha bochecha. Sinceramente, eu meio que esperava que ela me declarasse seu amor a qualquer momento.

Então, como se a Adachi tivesse lido minha mente, meu telefone escolheu aquele exato momento para começar a tocar. Eu o tirei da bolsa e olhei para a tela.

“Ah, errei.”

Não era a Adachi — era a Tarumi. Comecei a atender, mas meus dedos congelaram. Olhei para o Gon. Nossos olhares se encontraram, e minha garganta tremeu.

O telefone tocava alto em protesto, interrompendo o som das cigarras. E, enquanto o zumbido delas recuava ao fundo, parecia que esses bichos estavam olhando para nós de longe. Envolta em barulho, a parte de trás do meu crânio parecia absurdamente pesada. O telefone estava tocando... e eu estava apenas assistindo ele tocar.

No final, não atendi; apenas segurei o telefone e esperei ele parar. Quando parou, imediatamente o desliguei e o joguei de volta na bolsa. Por que diabos eu trouxe meu telefone para cá? Nada neste mundo era mais angustiante do que deixar um telefone tocar. Isso me dava uma ansiedade como nenhuma outra.

Mas, para ser justa, isso era provavelmente... *Não, eu não deveria ficar evitando. Vamos encarar os fatos: essa é minha última chance de passar tempo com o Gon.* Mas eu podia sentir algo — minha consciência? — me dizendo que eu estava só buscando uma desculpa.

“O que você acha?” perguntei ao Gon, enquanto ele estava deitado ao meu lado. Ele não parecia entender a pergunta, então ficou em silêncio.

No passado, sempre que nossos olhares se cruzavam, ele saltava para mim com alegria, e nós fazíamos uma dancinha animada... mas agora nenhum de nós se mexeu. Costumávamos correr a toda velocidade e sentir o vento contra nossos rostos, mas agora éramos estranhos a isso.

Tremendo na brisa tranquila, dirigi meu olhar para o horizonte.

“Nós realmente crescemos, não é?”

As palavras fizeram meu peito ficar apertado... e minha garganta... e minhas bochechas. Algo se formou dentro de mim, espremendo o ar dos meus pulmões e rodopiando ao redor dos meus olhos. Que sentimento era esse? Eu não conseguia lembrar. Eu sempre ficava assim, tensa, quando algo acontecia comigo?

Mas o rio não ligava. Ele seguia tranquilo, solenemente. O céu e a terra não se importavam nem um pouco com as vidas dos que estavam presos entre eles, e a essa altura, a apatia deles estava começando a parecer hostil.

Eu não tinha poderes especiais. Não podia impedir que Gon morresse. Aqui, na realidade, todos os seus inúmeros sonhos só derreteriam sob o sol do verão. O que restaria do tempo que passamos juntos depois disso? O sol brilharia nos seus sonhos?

Enquanto eu estava ali, segurando a vara de pescar com o vento frio batendo no meu rosto, pensei por um longo tempo.

***

Sem peixe para trazer para o jantar, nós dois seguimos para casa de mãos vazias. No meio do caminho, os passos de Gon ficaram lentos e deliberados, então decidi fazer uma pausa na beira da estrada. Lá, nos sentamos e fizemos um pequeno piquenique; Gon comeu migalhas de pão da minha mão como um grande e desajeitado pássaro. Isso me lembrou os tempos mais jovens, quando ele costumava me pedir comida, e eu desviava os olhos.

Devagar, seguimos contra a corrente do rio até chegarmos à casa dos meus avós. Ao subirmos pela entrada, pude ver que meu pai já tinha começado a ajudar o vovô a polir *seu* carro. Isso certamente me poupou o esforço de procurar por ele mais tarde.

“Aqui está, vovô.”

“Bem-vinda de volta, filha. O que é isso que você trouxe aí?” Ele inclinou a cabeça, confuso, com uma esponja em uma mão, suando intensamente.

O quê? “Ah... o vizinho pediu para devolver isso para o senhor...”

“Eu emprestei isso de novo? Não me lembro, mas minha memória não é tão boa quanto a dele... Bem, obrigado, querida.” Ele pegou a vara de pescar.

Então senti o olhar do meu pai e levantei as mãos vazias. “Não tenho uma carpa para você, pai.”

“Droga.” Ele balançou a cabeça e lamentou minha falha. *Sabe, às vezes eu realmente não consigo saber se você está brincando ou não.*

Enquanto eu me dirigia para a porta dos fundos, olhei para a casinha de cachorro. Ao contrário de mim, no entanto, Gon não mostrou absolutamente nenhum interesse nela. Não era dele — pertencia ao cachorro que o precedeu. Que tipo de relação os dois tiveram? Sempre que ele via a casinha, será que pensava no velho amigo? Ou ele tinha se esquecido completamente do outro cachorro?

Minhas costas doíam enquanto eu abria a porta. Lá dentro, a primeira coisa que ouvi foi uma risada estridente.

“Eeee hee hee! Como tirar doce de criança!” minha avó declarou enquanto estava sentada na frente da TV da sala.

“Grrrrr! Não ganho de jeito nenhum!” minha irmã resmungou ao lado dela, claramente emburrada. Pelo jeito, a velhota não pegou leve com ela.

“Cheguei.”

“Ah, Hougetsu! Bem-vinda de volta! Hee hee hee…” A vovó olhou por cima do ombro para mim, ainda segurando o controle e rindo. *Calma, vovó.*

Enquanto eu estava tirando os sapatos, Gon entrou em casa e soltou um suspiro, olhando para o chão, com o rabo caído. Ele parecia completamente exausto. “Vai descansar, garoto,” eu disse gentilmente. Ele se arrastou até o canto da sala, se encolheu embaixo do seu cobertor e se jogou no chão. Eu tinha comprado aquele cobertor para ele há muito tempo, e sinceramente, estava impressionada que ainda estivesse em boas condições.

Então me sentei ao lado da minha irmãzinha, que me deu um tapa na cabeça. Antes mesmo que eu pudesse reagir, ela se encostou em mim em silêncio, se enfiando entre minhas pernas.

“O que foi? Alguém está sendo uma bebezona carente?”

“Cala a boca!”

Por que ela estava brava comigo? Enquanto eu fazia uma careta, a vovó começou a rir de novo. “Ho ho ho! Todo mundo ama a Hougetsu.”

“Eu não diria *todo mundo*—”

“Não, eu não!” minha irmã retrucou. Eu passei o cabelo dela para trás da orelha… e depois puxei com força. “Gyaah!”

“Você almoçou?” a vovó perguntou enquanto apertava os botões do controle.

“Sim.”

“Se ainda estiver com fome, posso esquentar uns bifes empanados.”

“Hmm…” Passei a mão na barriga por cima da camisa. “Não, tô de boa.”

“Tudo bem, então. Se ficar com fome, me avisa. Comprei uns *kusa-dango* de lanche.”

“Valeu.” Soltei a orelha da minha irmã.

“O que foi *isso*?!”, ela protestou. Enfiei o rosto dela no meu peito. “Mmffgg!”

As palavras e atitudes da minha avó estavam cheias de carinho, algo que eu interpretava como bondade. Mas não consegui evitar a dúvida: *Por quê?*

“Ei, vovó?”

“O que foi, querida?”

“Como eu posso aprender a ser bondosa, como você?”

Uma bomba de desenho animado explodiu na tela. Ela olhou por cima do ombro para mim enquanto jogava. “O que foi, Hougetsu?”

“Ah, não, é nada…” Quando ela me enfrentou diretamente sobre a minha pergunta, fiquei meio sem jeito por tê-la feito em primeiro lugar.

“Trate cada dia junto de quem você ama como se fosse o último. Com essa mentalidade, você nunca vai deixar ninguém de lado,” ela respondeu de forma simples, sem um pingo de orgulho, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Era o tipo de sentimento que falava muito sobre o caráter dela: de coração aberto e generosa.

Na nossa cultura, existe um ditado: *Valorize cada encontro, pois ele nunca se repetirá*. Racionalmente, entendi o sentido disso na hora; era o tipo de atitude que eu deveria ter com o Gon. Mas eu não conseguia me imaginar me dedicando a essa lição de verdade. Eu simplesmente não conseguia me entregar tanto assim por muito tempo, ou senão não conseguiria sobreviver nesse mundo.

Baixei a cabeça, e meus olhos se fixaram no cachorro adormecido.

“Você não precisa se preocupar, querida. Você já é uma pessoa bondosa.”

Olhei para ela e balancei a cabeça. “Não, eu realmente não sou.” Será que ela estava dizendo isso só para ser gentil? Até eu podia perceber que não sou o tipo de pessoa atenciosa. Faltava em mim aquela qualidade suave e gentil que as pessoas realmente bondosas têm.

Então ela se virou para me encarar e disse: “Hougetsu, você é uma verdadeira perfeccionista, sabia?”

“…Eu sou?” Ninguém nunca tinha me dito isso antes, e eu não sabia como reagir.

“Você não precisa viver sua vida toda em simetria com todo mundo ao seu redor.”

“*…O quê?” Mas, isso é o que acontece, vovó — eu não sou simétrica com eles de jeito nenhum.* “Você sabe que eles estavam me chamando de delinquente no ano passado, né?”

“Relaxa. Quando você era pequena, era um boa menina.”

“E agora…?”

“Você é um menina *muito* boa!”

Ela estendeu a mão e afagou — não, *bagunçou* meu cabelo. Minha cabeça balançou até que minha visão começasse a girar.

“Você tenta demais manter seus relacionamentos perfeitamente equilibrados. Quando há um desequilíbrio, você começa a se sentir desconfortável. Francamente, você é tão sincera, é difícil acreditar que você seja filha da minha filha!”

Deixando de lado a crítica casual à minha mãe — *eu, sincera*? Pensei no jeito como lidei com a ligação no rio e fiquei perplexa.

“Eu realmente não entendo,” respondi, como a criança ignorante que sou.

Mas a vovó era uma mulher muito paciente. “Me passe seu número, Hougetsu.”

“Hã?”

“Seu número de telefone. Vou tirar fotos do Gon e te mandar.” Ela sorriu para mim, seu rosto redondo e suave como um *kusa-dango*.

Ao ouvir o nome dele, olhei para o cachorro. Certamente, ela não deveria ter conseguido ligar os pontos apenas com a minha pergunta... Fiquei embaraçada por ela conseguir me entender tão facilmente.

“Vovó, você tem celular?” minha irmã perguntou curiosa, ignorando o meu constrangimento.

“Um *smartphone*, na verdade!” Cacarejando, ela puxou o aparelho do bolso e o levantou como um *pillbox samurai* do século 19. *Ok, talvez essa analogia tenha sido um pouco obscura.*

“Sortuda!”

“Se um dia seus pais te derem um telefone, troque números com a sua velha avó, tá bom?” Vovó sorriu.

“Tá bom!” Minha irmã acenou com entusiasmo.

“E não se esqueça de me passar seu número depois, Hougetsu.” Ela me deu um joinha, e eu senti toda a vontade de resistir desaparecer do meu corpo.

“Yaaaay…”

Depois disso, fiquei mole até não sentir mais o cansaço de tanto caminhar. Então a vovó guardou o celular e pegou um controle. “Joga com a gente, Hougetsu!”

“Claro, mas… só tem dois controles…”

“Já ouviu falar de um *multitap*?”

(Nota: Um Multitap é um acessório para consoles de Video game que aumentam o número de entradas para controladores de jogos eletrônicos com fio, possibilitando assim um número maior de jogadores, quando isto não seria possível sem tal acessório.)

Ela abriu o armário debaixo da TV e puxou um extensor que adicionava mais portas para os controles. Depois de tudo estar ligado, minha irmã se sentou e pegou o dela.

“Você está sendo bem madura hoje,” elogiei ela, já que não tinha interrompido minha conversa com a vovó. Então ela fez uma careta para mim. *Retiro o que disse*. Por que ela sempre tinha que arranjar briga comigo por qualquer coisa?

Naquele momento, a porta do quarto se abriu e minha mãe saiu, esfregando os olhos. Dando um grande bocejo, ela se sentou ao nosso lado.

“Finalmente acordou, né?”

“Sim…”

Ela estava com o cabelo completamente bagunçado, especialmente na parte de trás, onde estava erguido para todos os lados, parecendo uma juba de leão. Essa era uma característica que eu realmente preferia não ter herdado.

“Ah, *Bomberman*! Que legal! Tô dentro!” Seus olhos brilharam enquanto ela levantava a mão para se oferecer.

“Eu queria que você tivesse chegado um pouco mais cedo. Agora vou ter que ligar tudo de novo,” reclamou a vovó. Mas ela não conseguia esconder a diversão na voz.

Enquanto eu a observava, com o Gon logo atrás dela, meu coração começou a bater acelerado como se estivesse marchando para uma revolução. Bati meus dedos nos joelhos no ritmo da batida. Por mais que eu tentasse me aprofundar dentro de mim, agora, tudo o que eu encontrava era calor e alegria… e eu desejava poder me banhar nela para sempre.

***

E assim, dois dias depois, nossa viagem anual de verão chegou ao fim. Sempre que saíamos da casa dos meus avós, a tradição da família ditava que usássemos a porta da frente e fizéssemos o caminho longo.

“Até o ano que vem, vovó e vovô.”

“Ou no próximo mês, se não quiser esperar tanto,” respondeu a vovó.

“Ela tem razão,” o vovô assentiu.

“Podemos fazer disso uma coisa mensal, se você me pagar,” minha mãe comentou de maneira sarcástica, mas todos rimos e ignoramos.

Deixando isso de lado… A vovó tinha levado meu querido amigo para me ver partir, e era hora de dar tchau.

“Gon.”

Ele me olhou, e eu o abracei forte, aninhando meu rosto em seu pelo. Ele ainda estava tão quente quanto eu me lembrava.

“Gon…”

Minha voz tremeu suavemente, mas as palavras na minha língua se afastaram como a maré. Eu simplesmente não conseguia dizer adeus. Então senti uma mão na minha cabeça, e soube que era da vovó, sem precisar olhar.

“Vou te mandar muitas fotos, querida.” A voz dela era dolorosamente suave. “Tá bom?”

“…Tá bom.”

Eu sabia que ela estava tentando me confortar, e não aguentei olhá-la nos olhos. Então, por fim, me endireitei… e minha mãe me deu um tapinha no ombro.

“Sem birra? Minha menininha cresceu!”

“Cala a boca, *mãe*,” retruquei.

Então minha irmã olhou para mim, com os olhos arregalados. Eu a olhei de volta. “O que foi?”

“Nada…”

Ela parecia querer dizer algo, mas, estranhamente, se conteve. Por mais curiosa que eu estivesse, não insisti. Em vez disso, virei para frente e comecei a caminhar. Sabia que, se olhasse para trás, correria de volta e daria mais um abraço em Gon.

Então, caminhei da frente da casa até a garagem nos fundos… onde a vovó e o vovô já estavam nos esperando. Novamente.

“Essa tradição é completamente inútil…”

Com um último aceno animado, nos amontoamos no carro recém-polido do meu pai. Depois nos apertamos nos cintos de segurança e partimos. E enquanto as vibrações massageavam minhas costas, senti uma estranha sensação de realização.

Pensei muito em Gon, mas, no final, nunca consegui dizer as palavras. Ainda assim, essa escolha, por si só, era válida. Nem tudo precisava ser tão claro e definido. Só porque eu não conseguia expressar os sentimentos indescritíveis no meu coração, não significava que eles não estivessem ali. Eu não era insensível — eu era um ser humano, com minhas próprias emoções.

E depois que chegamos em casa, essas emoções me impulsionaram a agir. Saí do carro, virei de frente para a estrada e gritei com cada fibra do meu ser até meus pulmões se esgotarem.

“AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHH!”

Gritei, gritei até meu cérebro implorar por oxigênio, até minha garganta ficar dolorida, até meus ouvidos começarem a zunir. O suor escorria de mim como se eu estivesse de volta àquela sauna. Mas, pela primeira vez, me senti *viva*. Um novo sol estava se formando atrás dos meus olhos, iluminando todos os cantos empoeirados da minha mente.

Ignorando os olhares alarmados que certamente estava recebendo da minha família, então imediatamente fiz uma ligação no meu celular. Ela atendeu tão rápido que me fez lembrar de como Gon sempre corria até a porta para me receber. O pensamento me fez rir.

Com uma voz seca como leito de rio rochoso, eu disse para ela: “Adachi… cheguei em casa.”